

QUESTÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: primeiras considerações sobre a indústria da carne

Adriany de Ávila Melo Sampaio
Profa. Dra. GPEEE-LEGEO-IG-UFU
profa_adriany@yahoo.com.br

Antonio Carlos Freire Sampaio
Prof. Dr. UFTM -GPEEE-
acfsampa@netsite.com.br

Roberta Afonso Vinhal Wagner
Profa. Doutoranda- GPEEE-LEGEO-IG-UFU
raafonso@yahoo.com.br

Wellington Vinhal Wagner
Prof. Rede Estadual MG - GPEEE
wellwagsou@yahoo.com.br

Rosana de Ávila Melo Silveira
Profa. Ms. GPEEE- I.F.Goiano- Urutaí
geo.rosana@yahoo.com.br

Sebastião Elias da Silveira
Enfermeiro .GPEEE- I.F.Goiano- Urutaí
tiao_elias@yahoo.com.br

Resumo:

A problemática ambiental na educação básica perpassa várias questões. Neste artigo serão tratadas as pertinentes à qualidade de vida nas áreas urbana e rural em relação ao consumo de alimentos, sendo mais específico em relação à carne animal. Pergunta-se aqui o que se ensina e aprende na escola sobre alimentação? Será a relação de uso e descarte? No qual o que é objeto de desejo vira primeiramente mercadoria para consumo e posteriormente rejeito? Nas ruas as pessoas compram lanches rápidos, comem rapidamente e depois jogam resíduos no chão, sujando suas próprias vias de locação. Quem vai limpar, ou para onde vai esse lixo não são preocupações da maioria. E o que se faz com as sobras de comida? No Brasil, 60% do lixo domiciliar é composto por alimentos, e a cada ano, 26,3 milhões de toneladas são desperdiçados. Mas o que as pessoas estão comendo? Será que sabem de que é feito o hambúrguer? Ou a salsicha, e a margarina? Que bicho é o “*Chester*”? Essa é uma das tradições de consumo que se perpetua na Escola. Com certeza a Geografia tem muito a contribuir neste debate.

Palavras-Chave: Alimentação, consumo, qualidade de vida.

EJE TEMÁTICO: ENSEÑANZA Y APRENDIZAJES DE LA GEOGRAFÍA.

Introdução

Este texto discutirá a questão ambiental na educação básica a partir de três questões: a questão da Moradia e qualidade de vida; a alimentação e a forma como entendemos o mercado de alimentos; e a tradição de consumo que se perpetua na Escola.

Muito se discute sobre Educação Ambiental, Meio Ambiente e Desenvolvimento sustentável, entre outros slogans. Mas, infelizmente muitos dos ditos ambientalistas questionam o uso abusivo dos recursos naturais e o fim de grandes áreas verdes nativas para a plantação de pastagens e futura criação de gado.

Milhares de litros de água limpa são usados todos os dias para a limpeza de carcaças de animais abatidos, e depois córregos e rios são contaminados por essa água que, neste estágio, está contaminada por sangue, entre outros derivados químicos.

A Escola nesta sociedade doente e incoerente estimula e incentiva os estudantes ao consumo de alimentos prontos e rápidos gordurosos, açucarados, e prejudiciais à saúde.

1. Moradia e a qualidade de vida

Atualmente, no Brasil, a maior parte da população vive na área urbana. Muitas dessas pessoas vivem em espaços cada vez menores, como por exemplo, na década de 1970 haviam lotes com 450m², na década de 1980 eles possuíam 250m², e em 2010 eram de 200m². Isso, sem contarmos os apartamentos da classe média baixa com 40 ou 45m². Para esse tipo de habitantes uma área verde é cada vez mais importante, porque trata-se, quase sempre, de espaços públicos que permitem o descanso, o lazer e também o convívio social.

Esses “Espaços Verdes” podem ser considerados como ambientes relativamente preservados, que em geral apresentam árvores nativas e também exóticas; trilhas para caminhada, alguns brinquedos para as crianças;

às vezes têm quadras para a prática de esportes (quase sempre o futebol); e até áreas reservadas para o lanche e o churrasco.

Um olhar mais atento e pode-se perguntar: o que está sendo preservado? Usando como exemplo a cidade de Uberlândia, no Estado de Minas Gerais, Brasil (figura 1), com 600 mil habitantes em 2010, pode-se afirmar que, em primeiro lugar, os espaços verdes são linhas entorno de corpos d'água protegidos pela Lei de Proteção Ambiental. Nesses espaços lineares criam-se, em geral, os "Parques Ambientais". Em Uberlândia apenas o *Parque do Sabiá*, inaugurado em 1982, conta com uma área de 1.850.000m². que ultrapassa a linearidade do trajeto de um córrego.



Figura 1: Uberlândia, no Estado de Minas Gerais, Brasil

Fonte: <http://www.biolab.eletrica.ufu.br/iiiseb/figs/mapaudi.jpg>

Além do Parque do Sabiá, há em Uberlândia, outros cinco parques municipais: Luizote de Freitas, do Distrito Industrial, Santa Luzia, Mansur, e Siquierolli.

a) *Parque Municipal Luizote de Freitas*, criado em 1987, possui 53.120,79 m².

Localizado dentro de um dos maiores e mais populares bairros de Uberlândia, este parque tornou-se a principal área verde do bairro Luizote de Freitas, em função de sua beleza e importância como espaço de lazer e contemplação.

No seu interior, encontramos uma das nascentes do Córrego do Óleo que, represada, forma um lago de águas tranquilas e límpidas. Uma pequena parte deste lago é ocupada por tábuas, o que lhe confere uma característica toda especial, onde patos e gansos cortam suas águas num nado calmo e elegante, contrastando com o vai e vem agitado dos transeuntes que passam no entorno.

O Parque encontra-se cercado por alambrado, porém com uma porção gramada externa à represa. Nessa área foram colocados bancos, oferecendo, assim, melhores acomodações aos usuários do Parque.

Ocupando uma posição estratégica dentro do conjunto habitacional Luizote de Freitas, o Parque é um paraíso ecológico bastante peculiar, com uma exuberante mata de várzea envolvendo a nascente do Córrego do Óleo. Em meio a essa vegetação imponente, observa-se a presença de gramíneas e ciperáceas que compõem um substrato onde predominam as espécies arbóreas: ata brava, imbaúba, ingá, jequitibá, óleo e pau-terra.

Para garantir uma cobertura vegetal e alimento para a fauna local, foram introduzidas, nas margens da represa, espécies frutíferas e ornamentais, como o jambolão, o ingá, a amora, a calabura e tremá. Sobre a fauna aquática deste Parque, merece destaque o cágado, espécie ameaçada de extinção nos córregos de Minas Gerais, carpas, trairão, lambari, paquis e bagres.

A avifauna também tem seus encantos. A plumagem multicolor dos tucanos, bem-te-vis, coleirinhas, canários, beija-flores, pássaros-pretos e tizius, vez ou outra quebra a seqüência do verde e enche o espaço com os seus cantos maravilhosos.

Outros animais também habitam o Parque. Entre eles, gansos, patos, jabutis, além de outros pequenos animais que são soltos nessa área pela própria população. (UBERLÂNDIA, 2011, s/p, grifos nossos)

b) *Parque Municipal do Distrito Industrial*, instituído em 1993, com 250.000 m².

Também conhecido como Cinturão Verde, Parque Municipal do Distrito Industrial, é uma importante reserva de vegetação nativa situada no Distrito Industrial. Este parque é constituído por áreas de preservação permanente e faixas marginais nas duas margens do Córrego Liso.

(...)O Parque Municipal do Distrito Industrial surgiu da necessidade de se criar uma barreira viva entre o Distrito Industrial e bairros adjacentes, visando amenizar os possíveis transtornos ocasionados pela emissão de material particulado e odores oriundos das indústrias implantadas neste setor da cidade.

(...) Infra-estrutura: Cerca de arame farpado e postes de cimento.

O solo nesta área é do tipo lotossolo vermelho-amarelo distrófico, com textura média, levemente compactado, medianamente profundo e quimicamente pobre. A vegetação predominante é de cerrado,

apresentando árvores mais espaçadas e de menor porte, destacando-se sobre a vegetação herbácea. Mesmo sofrendo ação antrópica, podem-se observar, ainda, na área do parque, essências nativas, como murici, piquizeiro, sucupira branca, sucupira preta, vinhático, pau-terra, óleo, mutamba e barbatimão.

A mata ciliar do Córrego Liso nos domínios deste parque encontra-se em processo de regeneração, onde se pode encontrar indivíduos arbóreos de porte adulto, como o óleo, a sangra d'água e o ingá.

O somatório da vegetação nativa, com o enriquecimento florestal realizado, garante ao parque a presença de uma fauna, principalmente a avifauna, que encontra abrigo e local para a reprodução. Podem ser observadas inúmeras espécies, como o mutum, o inhambu, a codorna, o sabiá do campo tesourinha, a perdiz e muitas outras. (UBERLÂNDIA, 2011 s/p, grifos nossos)

c) *Parque Municipal Mansur*, criado em 1996 com 104.000 m².

A preservação desse santuário ecológico assegura uma sobrevida para o Córrego Pito Aceso, que possui ali as suas principais nascentes, além de possibilitar o convívio harmonioso entre a população local e o ecossistema, protegido por essa unidade de conservação.

(...) A área do Parque foi parcialmente cercada com alambrado, em torno do qual se pretende construir uma pista de terra batida, com o intuito de estimular a prática do cooper pela população do bairro.

No Parque predominam as formações vegetais veredas e a mata de várzea. Essas formações, comuns no Planalto Central brasileiro, constituem-se de um misto de buritizais e espécies arbóreas características de solos úmidos, destacando-se a palmeira buriti (*Mauritia fluviatilis*) e a pindaíba (*Xylopia emarginata*), que aparecem em agrupamentos lineares ao longo do curso d'água. Como em toda área alagada, as gramíneas e as ciperáceas também se fazem presentes.

A riqueza de água e a vegetação imponente atraem para o Parque uma avifauna barulhenta e colorida. Dentre as aves mais observadas, destacam-se: periquitos, maritacas, tucanos, canários da terra, beija-flores, sabiás laranjeira e pássaros pretos, que, no final da tarde e no raiar de cada dia, voam, cantam e brincam nas folhas dos buritis. (UBERLÂNDIA, 2011 s/p, grifos nossos)

d) *Parque Municipal Santa Luzia*, institucionalizado em 1997, com 280.000m².

A área é quase toda ocupada por vegetação nativa, onde encontramos diversas nascentes formadoras do Córrego Lagoinha. Esse córrego abrange bairros densamente povoados, como o Santa Luzia, o Pampulha e o Vigilato Pereira.

(...) O Parque encontra-se totalmente cercado, sendo parte com alambrado e parte com cerca de arame farpado. No primeiro semestre de 2000, foi construída a calçada em torno do Parque, permitindo, desta forma, a prática de caminhada pelos moradores dos bairros próximos.

(...) A vegetação que margeia a linha de drenagem do Córrego Lagoinha, na área do Parque, apresenta espécies típicas do cerrado. O arranjo fitossociológico, conhecido como Vereda, que comumente

recobre os solos hidromórficos, é a formação predominante do Parque.

Nesse ambiente, encontramos diversos exemplares da palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*), associados a uma vegetação hidrófila arbórea, conhecida como mata de várzea, onde se observa a presença de landim, almecegueira, ata brava, pindaíba e pau-bombo.

Na porção do Parque situada próxima ao Caramuru, a várzea é permeada por uma vegetação mais densa do tipo capão de mata mesofítica.

No Parque encontramos uma avifauna muito rica, onde podem ser encontradas garças, tizius, papagaios, beija-flores, curicaca, patos selvagens, sangue de boi, periquitos, além de alguns mamíferos, destacando-se a capivara.

Os solos profundos, bem drenados, de média e baixa fertilidade, típica de latossolos, garantem a formação de um belo cerrado, onde os indivíduos arbóreos mais representativos na área do Parque são: gabioba, pitanga, murici, guapega, ingá, marmelada de cachorro, aracá, mama-cadela, caju, fruta de ema, bacupari, mangaba, araticum, pequi etc.

Além destas espécies frutíferas, destacam-se a lixeira, carne de vaca, sucupira branca e preta, laranjeira, mandiocão, pimenta de macaco, pau-terra (...). (UBERLÂNDIA, 2011 s/p, grifos nossos)

e) Parque Municipal Siqueirolli, criado em 2002, com 232.300 m².

A área reservada para compor o Parque Municipal Victório Siqueirolli constitui-se numa bela mancha de cerrado que aparece verde e imponente no setor norte da cidade. O majestoso cerrado, com suas árvores de folhas coreáceas, troncos retorcidos e cascudos, flores muitos coloridas e frutos agrestes, dão à paisagem um matiz de tons amarelo avermelhado. Essa diversidade de espécies e cores compõe uma formação vegetal pouco conhecida e complexa, que desde a primeira visão dos bandeirantes até os dias de hoje, vem sendo desordenadamente destruída em nome do progresso. A área constituída por esta unidade de conservação é composta de áreas públicas derivadas de loteamentos aprovados pela Prefeitura Municipal de Uberlândia e áreas privadas que foram doadas pelos seus proprietários ao município de Uberlândia. A maior destas áreas é remanescente de uma antiga fazenda de propriedade do Sr. Victório Siqueirolli, que deu nome ao parque municipal. Também se constitui de uma área de preservação permanente dos córregos Liso e Carvão.

(...) Totalmente cercado com alambrado possui (...) parque Infantil, (...) pista para caminhada e uma trilha interpretativa do Óleo, visando o conhecimento do parque e educação ambiental. (UBERLÂNDIA, 2011 s/p, grifos nossos)

Pela caracterização que a Prefeitura Municipal faz de cada “Parque”, fica óbvio que há um interesse em mascarar a realidade, mas que (in) felizmente salta aos olhos. As áreas são apenas corredores, ínfimos dentro da cidade, refúgios do que sobrou dos animais do cerrado e outros tipos exóticos que a

sociedade atual compra e depois descarta. Apenas o Parque Siquierolli, além do Parque do Sabiá, já comentado, possui área de lazer em seu interior.

No entanto, a tão propagada proteção ambiental é fictícia, uma vez que os afluentes que abastecem muitos destes córregos dos parques são poluídos sob os “olhos” da própria prefeitura. Observe, na figura 2, o Córrego do Lobo, afluente do Córrego Liso do Parque Siquierolli, e na figura 3, o despejo de entulho em uma de suas margens.

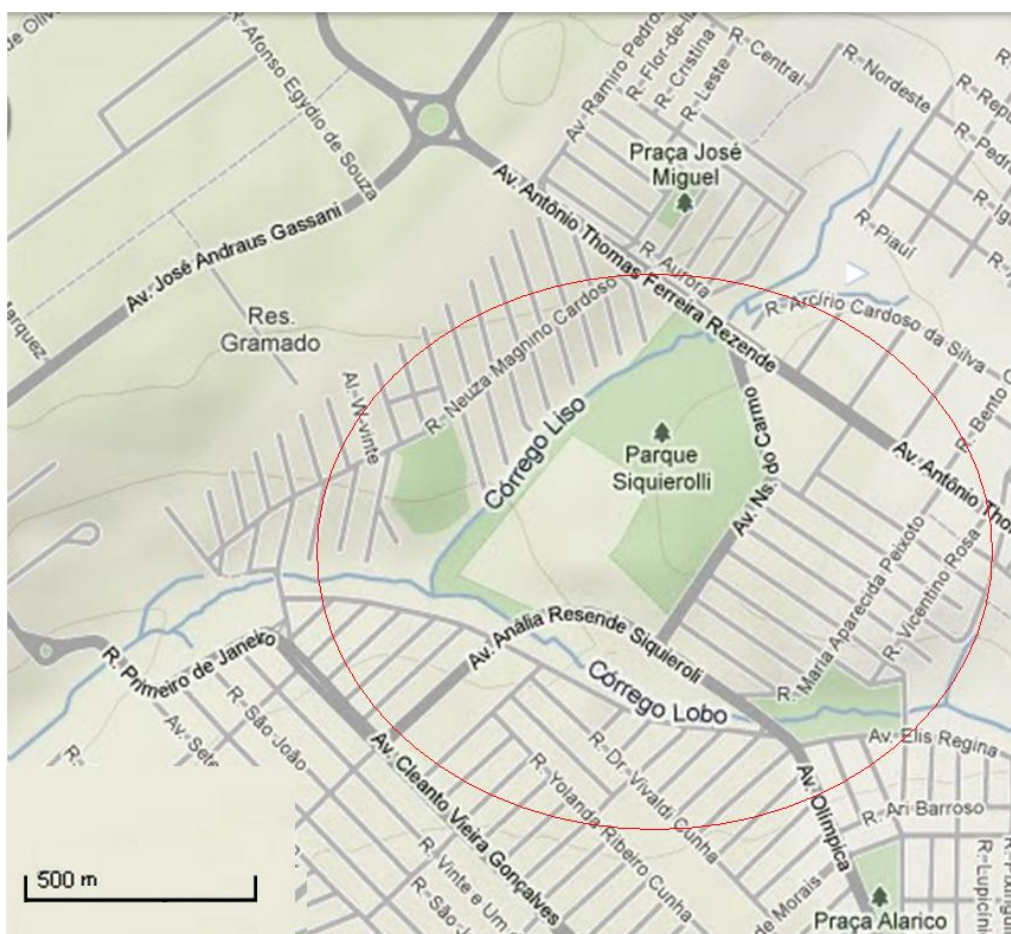


Figura 2: Mapa de Localização do Córrego Liso no Parque Siquierolli e Córrego do Lobo seu afluente. Fonte: <http://maps.google.com.br>. Organizado por: SAMPAIO, A. A. M. 2011. Este mapa mostra também a ocupação urbana até a margem direita do Córrego Liso, evidenciando que o Parque Siquierolli de fato não preserva o mesmo.

Fora o desrespeito à própria estabilidade dos córregos, e por conseqüência dos parques, em segundo lugar, na análise que se faz aqui das “áreas verdes” de Uberlândia, os textos oficiais não mostram a reivindicação

popular que ocorreu para a efetivação de cada Parque. Essa questão será retomada em outro texto.



Figura 3: Caminhão depositando entulho em uma das margens do Córrego do Lobo.

Fonte: Blog SOS Rios do Brasil. 2011. Postado em 20/03/2010. Disponível em:
http://4.bp.blogspot.com/_glyLfBk9Cic/S6WOOcGHdJI/AAAAAAAAAO-E/iDuOYpttXG4/s400/CORREGO+DO+LOBO+UBERLANDIA+1.jpg

Continuando o olhar atento, pode-se fazer outro importante questionamento: o que se ensina e o que aprende por meio do exemplo cotidiano do uso do parque como mercadoria?

Resumidamente, o que a maioria dos pais, professores e governantes públicos ensinam, e dão exemplo, é da relação de uso do parque. Vai-se até lá para usar, tudo é visto como mercadoria: da vegetação aos animais, tudo está ali para ser usado. Talvez por isso, haja tanto lixo ao fim do dia de passeio nestas áreas, conforme figura 4.



Figura 4: Lixo em Parque Ambiental. A maioria dos usuários do parque suja e não limpa.
Fonte: http://oglobo.globo.com/fotos/2011/03/29/29_MHG_campodesantana_lixo3.jpg.

A partir destas constatações pode-se refletir: será que realmente preservam-se as áreas verdes?

Se a maioria das pessoas gosta de caminhar por entre sombras de árvores, por que suas ruas não são lugares agradáveis para a “ave-fauna”, para estacionar os carros e para caminhar?

Na arborização urbana, a maioria dos Projetos Paisagísticos é com Coqueiros. Muitos dos plantios de árvores são usados para conseguir votos nas urnas eleitorais.

2. A alimentação e a forma como entendemos o mercado de alimentos

O que as pessoas fazem com as sobras de comida?

No Brasil, 60% do lixo domiciliar é composto por comida. E a cada ano, 26,3 milhões de toneladas de alimentos são desperdiçados. (FOLHA DE S. PAULO, 2003)

Que ambiente estas pessoas, em pleno século XXI, está criando?

E a água? Está sendo economizada?

O que se come todos os dias? De que é feito o hambúrguer? De que é feito a salsicha? De que é feito a lingüiça? De que é feito a margarina? Que bicho é o “Chester”? E a Salsicha?

A indústria da carne surgiu no início do século XX, quando foram criadas as primeiras fazendas de confinamento de animais para o consumo humano. A partir de então, o mercado de carnes cresceu cada vez mais. O maior e mais recente exemplo do poder desse setor foi a compra da companhia americana, Swift, pelo frigorífico brasileiro, Friboi. Com a aquisição, a Friboi passou a ser a maior empresa de carnes do mundo. Nasceu assim um império com capacidade para abater mais de 47.000 cabeças de gado por dia, cerca de uma a cada dois segundos. Se antes o Brasil já era o maior exportador de carnes do mundo, com faturamento de quatro bilhões de dólares por ano, agora tende a crescer mais. Bom para a economia do país, que já possui mais bois do que pessoas - são cerca de 200 milhões de bovinos - ruim para o meio ambiente, já que mais florestas terão que ser desmatadas para a criação de pastos, como foi o caso da Mata Atlântica e trechos da Floresta Amazônica, além da quantidade de dejetos dos animais jogados nos lençóis freáticos e nos mares. (RIBAS, 2011)

Temos aqui um embate. Ninguém quer ver uma vaca sendo abatida, mas em geral todos gostam de um “bom Bife”. E não se trata de discurso vegetariano, mas de uma denúncia e uma defesa socioambiental.

Por trás de cadeias produtivas contaminadas por desmatamento ilegal, ocupação irregular de terras e até trabalho escravo estão grupos econômicos que atuam em setores estratégicos, como carne, soja e madeira. Ainda que mais de 70 empresas destes segmentos sejam hoje signatárias de pactos setoriais e estejam empenhadas em monitorar suas cadeias produtivas, os crimes continuam ocorrendo, sobretudo na região da Amazônia, e envolvendo gigantes como JBS Friboi, Cargill, Bunge, Louis Dreyfus, Carrefour e Wal-Mart. (MELO, 2011)

A indústria da carne, e que fique bem claro, carne de qualquer ser vivo, seja ele um frango, um porco, um boi ou um peixe, todos estão hoje em cadeias hiperprodutivas à custa do meio ambiente e da saúde seres humanos.

Em outro texto analisaremos esta questão com maiores detalhes.

3. Uma tradição de consumo que se perpetua na Escola...

Na Escola continua-se o ensino pela prática, ou seja, pelo exemplo, de que o espaço escolar também é uso como mercadoria.

Começando pela alimentação, vende-se na escola salgados fritos e com “derivados de carne” que praticamente ninguém sabe do que são feitos. Refrigerantes e doces estão em abundância, basta ter recurso financeiro para comprá-los.

Quase sempre não se ensina a recolher seu próprio lixo com o término do recreio, ou a limpar as salas ao final de cada aula, ou a usar o banheiro com dignidade.

Na escola também perpetua-se prática de plantio para cumprir datas comemorativas, em geral do Meio Ambiente, mas não há um projeto a médio e longo prazo que inclua o ensino e aprendizagem desse ritual. Os Projetos são pontuais, sem continuidade, com poucos professores envolvidos.

Considerações Iniciais

Apesar desse texto ter como título a indústria da carne, A Escola, como um todo deve pensar a Educação Ambiental; juntamente com a Prefeitura, e também o Estado. É necessária uma Política ampla de respeito ao meio ambiente e à vida humana.

Para as pessoas moradoras das cidades, ou que moram em áreas rurais mais têm hábitos urbanos, é preciso almejar uma vida mais simples, com menos consumo de descartáveis, com alimentação livre de inseticidas, e com mais respeito à vida vegetal e animal.

Assim esta discussão preliminar sobre a questão ambiental, finaliza aqui com algumas possíveis trilhas, uma delas é que Educação Ambiental hoje significa se preocupar com a fauna, a flora, e o homem. Mas é preciso praticar o discurso; se envolver com a sociedade; a começar pela casa de cada um e na prática cotidiana da escola principalmente.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MELO, Adriany de Ávila Melo; SAMPAIO, Antônio Carlos Freire. Educação Inclusiva e Formação de Professores: primeiras notas. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia v. 8, n. 24 dez/2007 p. 124 – 130.

MELO, Liana. Estudo aponta desmatamento e escravidão no rastro de carne, soja e madeira. **O Globo**. 19/03/2011.

MURDOCK, Maureen. **Giro Interior**: O processo de criação de imagens mentais dirigidas à educação de crianças e adolescentes. São Paulo: Cultrix, 1993. 161p.

RIBAS, Amanda. **Indústria da carne maltrata animais**. Disponível em: <http://www.onda.org/>. Acessado em 2011.

ROSA, Instituto Nina. **A Carne é fraca**. Documentário. 55 minutos. 2005.

ROSA, Instituto Nina. **Decálogo do consumidor consciente**. Disponível em: <http://www.institutoninarosa.org.br>. Acessado em 2010.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal de. **Parque Municipal Distrito Industrial**. Secretaria de Planejamento Urbano. Acessado em 2011. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal de. **Parque Municipal Luizote.** Secretaria de Planejamento Urbano. Acessado em 2011. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal de. **Parque Municipal Mansur.** Secretaria de Planejamento Urbano. Acessado em 2011. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal de. **Parque Municipal Santa Luzia.** Secretaria de Planejamento Urbano. Acessado em 2011. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal de. **Parque Municipal Siquierolli.** Secretaria de Planejamento Urbano. Acessado em 2011. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>.